

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

**MALU RUEDA DE ALMEIDA**

**CULTURA E EDUCAÇÃO:**  
**UMA ANÁLISE SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR COMO PRODUÇÃO DA**  
**DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA**

**NITERÓI**

**2017**

**MALU RUEDA DE ALMEIDA**

**CULTURA E EDUCAÇÃO:**

**UMA ANÁLISE SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR COMO PRODUÇÃO DA  
DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA**

**Monografia apresentada ao Curso  
de Graduação em Produção  
Cultural da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito  
parcial para obtenção do Grau de  
Bacharel.**

**Orientador: Prof.º Dr. Wallace de Deus Barbosa**

**Co-orientadora: Profª Dra. Angelina Accetta Rojas**

**NITERÓI**

**2017**

**MALU RUEDA DE ALMEIDA**

**CULTURA E EDUCAÇÃO:**

**UMA ANÁLISE SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR COMO PRODUÇÃO DA  
DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA**

**Monografia apresentada ao Curso  
de Graduação em Produção  
Cultural da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito  
parcial para obtenção do Grau de  
Bacharel.**

**Aprovado em março de 2017**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador: Dr. Wallace de Deus Barbosa**

**Universidade Federal Fluminense**

---

**Co-orientadora: Dra. Angelina Accetta Rojas**

**Unilasalle-RJ**

---

**Me. Karine Vichiatt Morgan**

**Universidade Iguazu**

A447 Almeida, Malu Rueda de.

Cultura e educação: uma análise sobre o espaço escolar como produção da diversidade cultural brasileira / Malu Rueda de Almeida. – 2017.

55 f.

Orientador: Wallace de Deus Barbosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2017.

Bibliografia: f. 53-55.

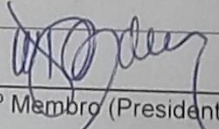
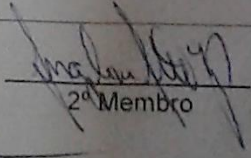
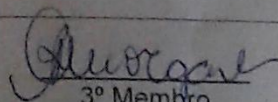
1. Cultura. 2. Escola. 3. Educação infantil. 4. Ensino Fundamental. I. Barbosa, Wallace de Deus. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.



**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: <b>MALU RUEDA DE ALMEIDA</b>	Matrícula: 212.033.046
Título do Trabalho: <b>"CULTURA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR COMO PRODUÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA"</b>	
Orientador: <b>Dr. Wallace de Deus Barbosa</b>	
Categoria: <b>Monográfica</b>	Data da Apresentação: <b>15/03/2017</b>

BANCA EXAMINADORA	
1º Membro (Presidente): <b>Dr. Wallace de Deus Barbosa</b>	
2º Membro: <b>Drª. Angelina Accetta Rojas</b>	
3º Membro: <b>Me. Karine Vichielt Morgan</b>	

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário		
<p>A Banca considerou a pesquisa oportuna e o tema relevante, destacando o empenho em articular os campos de educação e de cultura. Destaca ainda a rica discussão preliminar sobre cultura e elogia a desenvoltura da aluna por ocasião da apresentação.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):		
ASSINATURAS	 1º Membro (Presidente)	 2º Membro
		 3º Membro

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por sempre estar presente junto a mim desde o primeiro dia que entrei na universidade até o dia de hoje, quatro anos depois, no apoio incondicional durante a elaboração deste trabalho.

Ao Wallace de Deus, por desde o início do curso ter sido um professor amigo e por ter aceitado me auxiliar nessa etapa tão importante da graduação.

À Angelina Accetta pela paciência e pelos conselhos que foram fundamentais para o resultado deste trabalho, me ajudando desde o início a escolher qual caminho seguir.

Ao Colégio Marília Mattoso que desde o jardim da infância até o ensino fundamental II fez parte da minha formação de maneira muito especial e, por esse motivo, escolhi fazer a pesquisa lá onde fui muito bem acolhida de volta. Ao diretor pedagógico e amigo Reynaldo Mattoso Cavalcanti e às coordenadoras queridas Elza Nogueira e Adriana Macedo, muito obrigada.

A todos os meus amigos, aqueles de longa data que sempre estiveram comigo, em especial ao Renan Werneck que desde o início me incentivou e não deixou de estar ao meu lado, e a todas as amigas que a UFF me proporcionou durante esses anos, sem elas não teria sido tão especial essa fase da minha vida.

## **RESUMO**

Este trabalho pretende analisar de que maneira a “cultura” é abordada em uma escola particular no município de Niterói, a saber: Colégio Marília Mattoso. Para dar conta desta análise, discutimos os conceitos de “cultura” e “multiculturalismo” e refletimos sobre o espaço escolar como um lugar de produção de cultura, aliada ao ensino, conforme o pensamento de Paulo Freire. Para tal, realizamos uma pesquisa-de-campo no local escolhido, participando de eventos relacionados ao tema e realizando uma série de entrevistas com o público discente e docente.

**Palavras-chave:** Cultura; Escola; Educação Infantil; Ensino Fundamental I.

## **ABSTRACT**

The presente work intend to analyse which way the “culture” is adressed in a private school in Niterói, named Colégio Marília Mattoso. To make this analysis, we discuss the concepts of “culture” and “multiculturalism” and reflect about the school space as a place of cultural production, allied to education, based on Paulo Freire’s ideas. For that, we realized a field research on the referred school, attending events related to the subject and conducting interviews with the students as well as the staff.

**Keywords:** Culture; School; Childhood Education; Elementary School.



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I – Conceito de Cultura.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo II – Cultura Escolar.....</b>	<b>27</b>
<b>Capítulo III – Ação Cultural na Escola.....</b>	<b>39</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>51</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe discussões acerca da cultura abordada em uma escola particular do município de Niterói, o Colégio Marília Mattoso, tendo como foco o Ensino Fundamental I.

A escolha do tema desta pesquisa deu-se a partir da minha vivência, bem como da curiosidade que me levou ao questionamento sobre a importância da cultura no ambiente escolar e o meio pelo qual é abordada. Por acreditar que a infância é justamente o passo inicial para a formação da pessoa como cidadã, sendo a escola um ambiente de formação e transformação do indivíduo, defini colocar como foco deste trabalho o Ensino Fundamental I e a Educação Infantil do Colégio Marília Mattoso.

O Colégio Marília Mattoso fica situado na rua José Bonifácio, número 39, no bairro de São Domingos em Niterói e atende ao público de classe média e classe média alta. Tem como um de seus princípios habilitar o educando para a vida em sociedade e dar valor à princípios como o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade.

Este trabalho se dividirá em três capítulos, onde foi realizado um exercício resenhístico e reflexivo, sendo o primeiro uma discussão sobre o conceito de cultura sob ponto de vista de diversos autores chegando ao conceito de multiculturalismo. A cultura faz parte do nosso íntimo, somos criadores e propagadores dela de forma que a manifestamos de diversas maneiras. A cultura é, por sua vez, um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário, como dito anteriormente, cada pessoa é criadora e propagadora de cultura.

Quando se trata de cultura e educação, podemos dizer que estes são fenômenos interligados. A cultura e a educação juntas tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos alunos e professores, e quando adotamos a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem estamos permitindo que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar se sinta participante do processo educacional, afinal, ele nota que seu modo de ser, por exemplo, não é mais visto como algo imoral mas sim como uma forma deste indivíduo se socializar com os demais colegas de classe. Alguns autores defendem a ideia de que a educação não pode sobreviver sem a cultura e nem a cultura sem a educação.

A cultura tem um papel importante no processo de aprendizagem dos alunos pelo fato dela permitir não só a socialização deles, mas a discussão de diferentes saberes no ambiente escolar. A cultura tem o poder de integrar diferentes saberes e levá-los a discussão em sala de

aula, mas é preciso que à ela seja dada a devida importância. De toda forma, pode-se dizer que é papel a escola socializar o conhecimento, mas também é dever dela se atentar para as manifestações culturais como uma forma de ensino para os alunos.

Através do conceito analisado no primeiro capítulo, se desenvolveu a análise do segundo capítulo. Nele foi refletido como a escola pode ser um espaço para se reconhecer e se trabalhar a cultura e, além disso, foram feitas reflexões acerca de como a cultura é vista por cada indivíduo dependendo de quais são as suas condições de vida. Paulo Freire, autor bastante citado na pesquisa, costumava defender a ideia de que os hábitos, os costumes, a maneira como cada ser humano enxerga o mundo e vivem a sua cultura está relacionado à classe social em que vive cada pessoa. Além disso, ele frisava que uma classe não era superior ou inferior à outra, mas sim singulares pelo fato de cada uma ter uma realidade de vida diferente, ter costumes diferentes e até mesmo viver em lugares diferentes, o que influencia de maneira ímpar na cultura local e conseqüentemente em tudo o que gira em torno da vida de um ser humano, como citado acima.

Pelo fato do segundo capítulo refletir sobre a cultura especificamente na escola percebendo o seu âmbito como espaço importante para o desenvolvimento da mesma, pôde-se perceber que a educação e a cultura se entrelaçam e se dão não só dentro da sala de aula, mas também em espaços que podem ir além deste formalismo. O pátio, a biblioteca, as feiras e festas temáticas e onde são feitas as atividades extracurriculares, por exemplo, podem ser lugares propícios para a prática da “interculturalidade”, tudo isso porque, também saindo dos padrões formais de aprendizagem, quando estamos nesses espaços podemos exercitar a prática do aprender de maneira conjunta e não a sós, como acontece muitas vezes em sala de aula.

No terceiro capítulo foi feito um relato de campo onde pude contar como foi a minha visita a cada evento da escola em questão. Foi falado sobre ação cultural e também sobre a importância dos pais na participação destas atividades, já que a pesquisa se trata da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. É preciso muita determinação e sensibilidade por parte dos educadores e da direção da escola para proporcionar aos pais uma participação em diversas atividades oferecidas e desenvolvidas no âmbito escolar, uma vez que envolver os adultos não é fácil, pois, na realidade social atual, as famílias estão centradas nos espaços privados e muitas vezes não orientados para a partilha e a participação. Cada situação deve ser preparada com cuidado; não se podem improvisar encontros de grupo, momentos de festa ou projetos de trabalho, tudo deve ser estudado e pesquisado antes para que ocorra de maneira eficaz agregando aos alunos e também aos pais.

Todo o tipo de projeto ou evento cultural que acontece nas escolas nos dias de hoje são iniciativas além de importantes, necessárias na complementação da formação do indivíduo pois proporciona a ele um conhecimento sobre a diversidade cultural existente no nosso país e isso faz com que o mesmo se torne um cidadão crítico, criativo, comunicativo, receptivo, entre inúmeros outros adjetivos. Isso se tornou claro após o término desta pesquisa de campo.

Através do meu vínculo afetivo pude escolher o Colégio Marília Mattoso, como fonte desta pesquisa, devido à carga histórica que o referido colégio tem com a cidade de Niterói, com mais de 45 anos de existência. Pude vivenciar a cultura de perto desde a educação infantil até o Ensino Fundamental I e II. Todas as atividades pedagógicas realizadas dentro do espaço escolar têm o objetivo de transformar o aluno, pois além do conhecimento sobre a temática em questão, elas são levadas a se desenvolverem socialmente, despertando para outras formas de expressão, culturas e costumes. Cada aluno possui a sua identidade e traz para dividir com o outro as suas experiências de vida e as ações culturais no âmbito escolar se tornam necessárias à medida em que essa vivência se concretiza.

## CAPÍTULO I

### CONCEITO DE CULTURA

O conceito de cultura é sempre muito debatido e questionador por não ter uma resposta definitiva. Ele é abrangente e pode ser decifrado a partir de várias linhas de raciocínio que são seguidas de acordo com o viés no qual o pesquisador está seguindo. A educação segundo o dicionário *Aurélio* é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social”. Já Paulo Freire (1921-1997) nos diz que “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Se formos parar para analisar a palavra gramaticalmente fazendo uma reflexão crítica, percebemos que ela é escrita no singular e é dentro desta conceituação que se enquadra a noção de “cultura nacional”. Isso nos leva a pensar que todos os integrantes de um mesmo país possuem a mesma cultura, agem e vivem rituais iguais e da mesma forma, o que não é uma verdade vide o Brasil que é um país enorme onde tem em cada canto uma marca diferente e assim também ocorre em outros países pelo mundo inteiro. Todos os participantes de um grupo nunca são homogêneos em todos os seus aspectos, pois cada um desses indivíduos possui múltiplas identidades sociais. Na verdade, convivemos com uma pluralidade de culturas; um indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a várias culturas diferentes.

O conceito de cultura nacional, por exemplo, é muito amplo. Existem culturas regionais, familiares, educacionais, profissionais, etc. O fato de duas pessoas serem de uma mesma nacionalidade é apenas uma característica na vida dessas duas pessoas. É preciso levar-se em conta também as diferenças entre elas. Apesar de terem a mesma nacionalidade, essas pessoas podem ser de regiões diferentes do mesmo país, podem ter nascido em épocas diferentes, ter diferentes religiões, profissões, hábitos etc. O conceito de cultura é um conceito essencialmente plural.

Para Tylor, a cultura é caracterizada por sua dimensão coletiva e expressa a totalidade da vida social do homem. Enquanto a palavra civilização refere-se a sociedades primitivas, a

palavra cultura rompe com essa ideia. Apesar de ser uma concepção universalista, a conceituação de Tylor é válida por ser a primeira tentativa de explicação da palavra cultura.

Não existe um consenso, na antropologia moderna, sobre o conceito de cultura. Qualquer sistema cultural está num contínuo processo de mudança. Existem dois tipos de mudança cultural: interna, resulta da dinâmica do próprio sistema cultural. Esta mudança é lenta; porém, o ritmo pode ser alterado por eventos históricos, como catástrofe ou uma grande inovação tecnológica.

A mudança externa é resultado do contato de um sistema cultural com outro. Esta mudança é mais rápida e brusca. O tempo é um elemento importante na análise de uma cultura. Assim, da mesma forma que é importante para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

Uma outra grande contribuição também foi dada por Franz Boas (1858-1942), antropólogo alemão naturalizado americano, preocupado em estudar a diversidade humana. Para ele, não há diferença natural, biológica, entre os povos; as diferenças são culturais, adquiridas ao longo da vida, não inatas. O objetivo de Boas era o estudo “das culturas” e não “da Cultura” (CUCHE, 1999). Sobre este assunto, Freire afirma que

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia, como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE, 1996, p. 30).

Foi também de Franz Boas (1858- 1942) uma importante contribuição para a ideia de relativismo cultural. Acreditando que “cada cultura representa uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade” (CUCHE, 1999, p. 45), sua preocupação era não apenas descrever fatos culturais, mas entendê-los inseridos em um conjunto de outros fatos aos quais estão ligados, ou seja, relacionando os fatos aos seus contextos e produzindo coerência, pois “não se pode analisar um traço cultural independentemente do sistema cultural ao qual ele pertence e que lhe dá sentido” (CUCHE, 1999, p. 241). Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua,

das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos.

Dessa forma se pode dizer que as classificações são sempre ideológicas e políticas e assim pode-se também destacar que os movimentos culturais e interculturais se mostram como ações e proposições também tendenciosas e direcionadas tanto pela história como pelas circunstâncias que definem e estabelecem as formas como se dão as relações.

A identidade cultural está em constante renovação, não somente pela mundialização e pela cultura de massa, mas também pela própria dinâmica da vida. A identidade cultural pode e deve ser enriquecida pelo processo de construção do conhecimento por meio de programas orientados pela ética em ação cultural e por uma visão social responsável, por uma identidade autêntica e singular, que reconheça e valorize o conhecimento de outras identidades.

Em relação às mudanças culturais, Pierre Lévy (1994) assinala que, devido ao mundo estar se expandindo graças aos diferentes meios de comunicação, as oportunidades de conhecer o outro e, ao mesmo tempo, se conhecer, estão se multiplicando. O conhecimento acontece, não mais a partir de um centro, mas através de redes, por meio de um aprendizado coletivo.

Eagleton (1943), autor pós-moderno, trabalha o conceito de cultura a partir de três categorias de tempo, sendo elas: tradicional, moderno e pós-moderno. Ele também faz uma análise deste conceito em uma perspectiva histórica e sua análise tem a propriedade de perpassar as épocas, não se prendendo a uma em específico. Ele defende o conceito dizendo:

A palavra ‘cultura’ guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. É uma noção ‘realista’, no sentido epistemológico, já que implica a existência de uma natureza ou matéria-prima além de nós; mas tem também uma dimensão ‘construtivista’, já que essa matéria-prima precisa ser elaborada numa forma humanamente significativa. Assim, trata-se menos de uma questão de desconstruir a oposição entre cultura e natureza do que reconhecer que o termo ‘cultura’ já é uma tal desconstrução. (EAGLETON, 2005, p 11)

Laraia (1932) vai dizer que o conceito de cultura que é utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez por Edward Burnett Tylor (1832-1917) mas que, na verdade, o que ele fez foi formalizar uma ideia que vinha crescendo na mente humana. Tylor em 1817 afirmou que [...] tomado em seu amplo sentido etnográfico, cultura é um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (LARAIA, 2006, p.25)

Outra ideia citada por Laraia sobre a origem desse conceito é que, de acordo com ele, o homem produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo evolutivo dos primatas, foi capaz de assim proceder. Ele afirma que (p. 52): “A comunicação é um processo cultural. [...] a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”.

Podemos falar de cultura fazendo uma relação com a história e a geografia no sentido de que a cultura é algo simples e ao mesmo tempo complexo, a cultura é cultivo e, antes de tudo, cultura é trabalho, trabalho humano transformando a natureza. Entende-se que os conhecimentos da história e da geografia são construídos através da relação que o homem trava com os outros homens e com a natureza mediada pelo trabalho. Assim sendo, pode-se dizer que é um processo dinâmico complexo e conflituoso, fruto do contato do homem com o tempo e o espaço. Os educandos precisam se sentir integrantes dessa cultura e estarem abertos à influência de outras culturas, compreendendo a existência de culturas diferentes, de outro tempo e espaço respeitando seu modo de vida, sua organização política, social e econômica.

Voltando no conceito da diversidade cultural, é relevante firmar que ela está presente diariamente no contexto brasileiro, expressando-se na música, dança, culinária, na nossa língua e entre inúmeras atividades em nosso cotidiano. O que se faz necessário ressaltar, é que para tratar dessas questões é preciso ir além da constatação de contemplação e do folclore que muitas vezes se faz em torno das diferenças existentes. Podemos considerar sobre esta perspectiva que, socializar o conhecimento deve ser tarefa primordial da escola, mas é também de atuar na transformação dos saberes para com os educandos; e é essa soma de esforço que promove o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão. Construir uma nação livre, soberana e solidária, onde o exercício da cidadania não se constitua como privilégio de poucos, mas direitos de todos, e deve ser a grande meta a ser perseguida por todos os segmentos sociais.

Uma das afirmações imperativas à reflexão de Hall (1932-2014) sobre o conceito de cultura, é a consideração da cultura enquanto conjunto de valores ou significados partilhados.



Há, nesse momento, uma importante lembrança do autor sobre o debate que envolveu a definição do conceito de cultura historicamente, sendo inicialmente apreendido como o conjunto de grandes ideias de uma época, para em seguida ser visto como o conjunto de atividades populares genuínas (remetendo à noção de autenticidade e rusticidade), mas também estruturando uma oposição entre essas duas concepções, passando-se a conceituar, segundo suas especificidades, alta cultura e cultura popular. Entre as possíveis formas de entendimento da ideia de identidade cultural, existem duas concepções distintas que devemos destacar dentro dos estudos sociológicos mais recentes.

A noção de cultura faz alusão às características socialmente herdadas e aprendidas que os indivíduos adquirem a partir de seu convívio social. Entre essas características, estão a língua, a culinária, o jeito de se vestir, as crenças religiosas, normas e valores. Esses traços culturais possuem influência direta sobre a construção de nossas identidades, uma vez que elas constituem grande parte do conjunto de atributos que formam o contexto comum entre os indivíduos de uma mesma sociedade e são parte fundamental da comunicação e da cooperação entre os sujeitos.

O conceito de identidade refere-se a uma parte mais individual do sujeito social, mas que ainda assim é totalmente dependente do âmbito comum e da convivência social. De forma geral, entende-se por identidade aquilo que se relaciona com o conjunto de entendimentos que uma pessoa possui sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe é significativo. Esse entendimento é construído a partir de determinadas fontes de significado que são construídas socialmente, como o gênero, nacionalidade ou classe social, e que passam a ser usadas pelos indivíduos como plataforma de construção de sua identidade.

Esse mesmo conceito faz alusão também à construção identitária de cada indivíduo em seu contexto cultural. Em outras palavras, a identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo “interior” e o mundo “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. Nesse processo, ao mesmo tempo que projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior (ações individuais de vontade ou desejo particular), também internalizamos o mundo exterior (normas, valores, língua...). É nessa relação que construímos nossas identidades.

Freire escreveu diversas obras, entre elas a *“Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa”*, dividida em três capítulos, os quais falam sobre o processo

de formação do educador levando em consideração a democracia, viabilizando a sua própria autonomia, como também a do aluno.

Na referida obra, Freire demonstra perceber a escola como um ambiente favorável à aprendizagem significativa, onde a relação professor-aluno acontece sempre com diálogo, valorizando o respeito, o espaço um do outro, a troca de experiências e de culturas. O espaço escolar, segundo o pesquisador, deve sempre contribuir para a curiosidade, a criatividade, o raciocínio lógico e o estímulo à descoberta.

Paulo Freire acreditava que a Educação é um processo social, político, ético, histórico e cultural que é capaz de transformar positivamente um ser humano e sua qualidade de vida. Com isso ele afirma: “A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (FREIRE, 2000, p. 67)

Segundo as suas teorias, ensinar é, portanto, buscar, indagar, constatar, intervir, educar. O ato de ensinar exige conhecimento e, conseqüentemente, a troca de saberes. Pressupõe-se a presença de indivíduos que, juntos, trocarão experiências de novas informações adquiridas, respeitando também os saberes do senso comum e a capacidade criadora de cada um.

A verdadeira aprendizagem é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos e questionadores. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26). Sob esse ponto de vista, percebemos a posição do educando como sujeito desse processo de reformulação do conhecimento, ao lado do educador. Ele passa a ser visto como agente e não mais como objeto, isto é, ambos fazem parte do processo ensino-aprendizagem numa concepção progressivista.

O referido autor considera ainda que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 21). Dito de outra forma, o docente deve transmitir o conhecimento buscando proporcionar ao discente a compreensão do que foi exposto e, a partir daí, permitir que o mesmo dê um novo sentido, quer dizer, a ideia é não dar respostas prontas, mas criar possibilidades, abrir oportunidades de indagações e sugestões, de raciocínio, de opiniões diversas etc. Jamais impedir as interações, as opiniões, os erros e os acertos, isto é, todos esses elementos permitirão que o aluno alcance o real conhecimento e continue a buscá-lo incessantemente de forma autônoma e prazerosa. A troca de informações e experiências nessa relação professor-aluno é de suma importância para que o educando cresça intelectualmente e não perca a sua essência. Dessa forma, a

interculturalidade à medida que vai surgindo, revigora ambos os lados fazendo florescer a cultura de cada indivíduo e suas experiências de vida pessoais que, segundo a teoria de Freire, são tão importantes para o crescimento não só do educando como aluno, mas também como ser humano.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire destaca a revolução. Mas o que pode ser feito antes da revolução? Ele propõe a distinção entre “ação cultural” e “revolução cultural”. Para ele a ação cultural é desenvolvida em oposição à elite que controla o poder e a revolução cultural ocorre em completa harmonia com o regime revolucionário.

A proposta de Freire é a noção de consciência crítica como conhecimento e prática de classe. É uma pedagogia da consciência. Em *Pedagogia do Oprimido* Freire enfatiza um aspecto fundamental no processo de organização política das classes sociais subordinadas: os elos entre a liderança revolucionária e as práticas das massas.

A palavra conscientização, ou seja, consciência crítica, adquire força nos programas político-culturais e Freire, naquele momento, alertou contra a obsessão do uso dessa palavra como emblema nos programas conservadores onde os princípios educacionais estavam mais próximos da educação bancária do que da educação problematizadora ou da ação cultural para a liberdade. Freire define pedagogia como uma ação cultural, diferenciando duas ações culturais centrais: educação bancária e educação problematizadora.

A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização preconizado por Paulo Freire e está no âmago de seu método de alfabetização, formulado inicialmente para o ensino de adultos. Freire criticava o sistema tradicional, o qual utilizava a cartilha como ferramenta central da didática para o ensinar da leitura e da escrita.

O método propõe a identificação das palavras-chave do vocabulário dos alunos - as chamadas palavras geradoras. Elas devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua, como por exemplo, "tijolo" para os operários da construção civil. Diante dos alunos, o professor mostrará lado a lado a palavra e a representação visual do objeto que ela designa. Os mecanismos de linguagem serão estudados depois do desdobramento em sílabas das palavras geradoras. O conjunto das palavras geradoras deve conter as diferentes possibilidades silábicas e permitir o estudo de todas as situações que possam ocorrer durante a leitura e a escrita.

Facilmente somos confrontados com uma possível distância entre a Pedagogia Freireana e as temáticas ligadas à infância e às crianças. A questão desta suposta ausência despertou-nos uma curiosidade: identificar dentro de algumas das obras de Paulo Freire a quantidade de vezes em que aparece referida a criança, a infância ou a educação infantil. Assim, sem uma pretensão

de metodologia de análise de conteúdo, nos debruçamos sobre algumas de suas obras na expectativa de ver diminuída uma ausência e, conseqüentemente, uma distância entre o universo freireano e o da educação da infância.

Para Paulo Freire a atenção dada à realidade humana decorre da grande capacidade que tinha de conexão com o mundo. Ele falou de si próprio como um *menino conectivo* (FREIRE, 2000, p. 281) e esta sua característica se apresenta não apenas como uma marca pessoal, mas, sobretudo, epistemológica que lhe desafia à uma visão da realidade entrelaçada pela diversidade histórica, política, étnica, de gênero, de classe, etc. Assim, parece-nos possível falar que *a conectividade* iniciada no *menino* Paulo Freire fê-lo perceber, desde então, o seu posicionamento diante do mundo e das pessoas como educador e educando.

No campo da educação de infância, o termo pedagógico tem suscitado uma importante discussão, principalmente no tocante aos diferentes significados que esta mesma expressão pode proporcionar. A referência e o entendimento que procuramos desenvolver sobre uma pedagogia da educação de infância, busca ter em sua base uma significação cultural, extrapolando um entendimento simplista que pode reduzir este processo a um conjunto de atividades que se configura como escolar, feito apenas para/na sala de aula.

A constituição de uma pedagogia da educação de infância, subsidiada por importantes elementos fornecidos pela sociologia e pela antropologia (da infância) – principalmente no que se refere "a força da estrutura social na determinação das oportunidades cotidianas das crianças [e a forma como] culturas diferentes elaboram suas concepções e práticas educativas, [abriu caminhos para uma] maior flexibilização e inovação dos modelos de educação infantil" (OLIVEIRA, 2002 p. 80). Tornou-se, portanto, possível falar em pedagogia da educação de infância que, numa perspectiva interdisciplinar, prende-se a uma articulação entre elementos do conhecimento científico, da ética, da estética, do desejo, enfim de diferentes elementos de produção cultural, erudita e popular. Uma pedagogia que busca "valorizar, nas crianças, a construção de identidade pessoal e de sociabilidade, o que envolve um aprendizado de direitos e deveres (bem como) ampliar certos requisitos necessários para adequada inserção da criança no mundo atual: sensibilidade (estética e interpessoal), solidariedade (intelectual e comportamental) e senso crítico (autonomia, pensamento divergente)" (OLIVEIRA, 2002 p. 49-50).

Freire institui o diálogo, crítico e libertador, como base fundadora do que chamou de *processo de conscientização*, em que o processo de formação, sustentado por uma dialogicidade permanente, permite aos educandos pronunciarem o mundo, mediatizados por este mesmo mundo, entendendo-o, descodificando-o e, quando necessário, intervindo sobre ele para

transformá-lo (Freire, 1974; 2001; 2002). Por isso, defende que a pedagogia deve proporcionar uma educação problematizadora (em oposição a uma educação domesticadora), cuja prática educativa progressista desafia os educandos e as educandas em suas curiosidades, e exige dos educadores e educadoras uma redefinição do seu papel de ensinante, transformando-os em *ensinantes-aprendentes*, uma vez que "ensinando uns e aprendendo outros, todos aprendem e ensinam, sem que isso signifique serem iguais, ou que, quem ensina não aprende e quem aprende não ensina" (FREIRE, 2001 p. 141).

Defende, portanto, a possibilidade de existência dum espaço educativo dialógico competente, sério e alegre, que jamais deve "castrar a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador do seu ser" (Freire 2002: 33). E compreende que esta possibilidade pedagógica pode estar presente em todas as etapas da educação escolar.

Nas relações estabelecidas pela criança na educação infantil ocorrem certas interações por meio das brincadeiras, da aproximação com o outro, do diálogo que permite várias possibilidades de compreensão e certa leitura do contexto.

Para Paulo Freire, o diálogo vai além do simples contato, implica relações, troca de saberes, confiança nos homens e mulheres, humildade, acreditar e abrir-se ao outro. Enquanto comunicação com alguém sobre algo, no diálogo é construído ou reconstruído o conhecimento. E esse conhecimento não é fundamentado na ação que uma pessoa exerce sobre a outra, mas na comunicação entre elas.

Através do diálogo na educação infantil, a criança também conhece e se comunica com seu corpo para a construção de novos conhecimentos, individual e coletivamente, permitindo à professora, sensível com isso, trabalhar com as mesmas de forma integrada, valorizando, no mesmo nível, as diversas habilidades, saberes e campos de experiência que são indispensáveis para o seu desenvolvimento.

Nas diversas situações de aprendizagens, o diálogo está presente e possibilita que a criança, de forma espontânea, expresse sua curiosidade epistemológica. Paulo Freire nos diz, em *Pedagogia da Autonomia*, que: "quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas sobretudo se 'revigoriza', tanto mais epistemológica ela vai se tornando." (FREIRE, 2008, p.87). Para despertar a curiosidade epistemológica das crianças é necessário que o educador tenha a postura de escutar e paciência pedagógica. Paulo Freire nos fala que a escuta vai além da capacidade auditiva e da cordialidade, é atentar para o que o aluno está falando, é aprender

a escutar o diferente “ (...) a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente.” (FREIRE, 1997, p.59).

Se, porém, a opção da educadora é democrática e a distância entre seu discurso e sua prática vem sendo cada vez menor, vive, em sua cotidianidade escolar, que submete sempre à sua análise crítica, a difícil mas possível e prazerosa experiência de falar aos educandos e com eles. Ela sabe que o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados, mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe. (FREIRE, 1997, p.59)

O diálogo é indispensável para que o processo de construção da noção de corpo, de espaço, enfim, do conhecimento se desenvolva na criança pequena.

## MULTICULTURALISMO

O termo multiculturalismo se refere a uma pluralidade cultural que convive de forma harmônica em alguns estudos antropológicos e tenta explicar como as sociedades que possuem um acervo cultural tão diferente convivem entre si, inclusive nos dias de hoje. A globalização, por exemplo, pode ser entendida em grande parte como um processo de inúmeras culturas que interagem entre si e, com o tempo, saberemos onde esta situação pode chegar, mas no momento ela se encontra presente e suas consequências podem ser especuladas do ponto de vista positivo ou negativo. Zaoal, (2003, p. 65) nos diz que “nosso mundo contém, em realidade, vários mundos. Quem poderá ignorar que o mundo é um grande mestiço, a não ser aquele que nunca saiu do seu lugar, ainda que tenha viajado e visitado outras regiões?”

No passado, o multiculturalismo refletiu em diversas civilizações com seu próprio conjunto de manifestações culturais. Elas integram desde o idioma até a religião, passando por sua forma de relacionamento, pelo modo de produção econômica apresentada, pelo grau e forma de desenvolvimento artístico, entre outros pontos. Quando estas civilizações interagem entre si podem acontecer vários fenômenos, entre aqueles que apresentam uma convivência pacífica. Em certas ocasiões, inclusive, pode acontecer que a interação cause um tipo de processo que elimine gradualmente as diferenças e gere uma espécie de cultura comum.

Numa sociedade que se percebe cada vez mais multicultural, cuja “pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltra-se, cada vez mais, nos diversos campos da vida contemporânea” (MOREIRA, 2001, p. 41) o multiculturalismo aparece como um conceito questionador ao currículo escolar e às práticas pedagógicas desenvolvidas, à “superioridade” dos saberes gerais e universais sobre os saberes particulares e locais.

A perspectiva do multiculturalismo procura defender uma educação onde a diversidade não é somente constatada, mas também incluída e valorizada no currículo e nas práticas pedagógicas, então, no seguimento deste pensamento, o papel do professor é crucial para uma inter-relação entre as diferentes culturas existentes na escola. Esta é a realidade que neste momento temos, então, há que compreender e transformar o que for necessário para a plena inclusão e êxito dos alunos, qualquer que seja o seu país natal, a sua etnia ou a sua origem social.

Trazendo a reflexão para o âmbito da pesquisa a ser desenvolvida, o multiculturalismo nos faz refletir e reparar de qual forma essa cultura se torna acessível às crianças do ensino fundamental I, bem como a valorização da mesma não só no currículo escolar dos alunos, mas na sua vivência e prática no dia-a-dia escolar. O professor como interlocutor dessa ferramenta é essencial para que essas práticas culturais sejam realizadas e, inseri-lo como agente cultural, é uma maneira eficaz para que se consigam pôr em prática as ações idealizadas e as já existentes nas escolas com relação à cultura: sejam elas festas folclóricas, saraus, vivências e aprendizados com alunos de diferentes regiões do Brasil, além das atividades extracurriculares que, indo além dos muros da escola, fazem com que seja mais fácil a compreensão e a vivência de determinadas culturas.

E citando mais uma vez Moreira (2001), este afirma que: Em síntese, queiramos ou não, vivemos em um mundo inescapavelmente multicultural. A multiculturalidade de fato existe, está entre nós e representa uma condição de vida nas sociedades ocidentais contemporâneas. Podemos ignorar ou abordar essa realidade de diferentes modos, mas não podemos apagá-las: ela permanece, independentemente de nossas respostas e de nossas relações. Desse modo, mesmo que as reflexões sobre o currículo e sobre formação de professores desconsiderem a multiculturalidade, ela estará presente nos sistemas escolares, nas escolas, nas salas de aula, nas experiências da comunidade escolar, afetando inevitavelmente as ações e as interações de seus diferentes sujeitos. (p. 85)

Não importa quais são as exigências do mundo globalizado, nos dias de hoje é possível ter a certeza da necessidade do convívio em uma sociedade cuja realidade seja multicultural. Para tanto, é preciso que se reconheça e se respeite as diferenças próprias de cada indivíduo. O reconhecimento da diferença é ponto de partida para que se possa conviver em harmonia, não com os iguais, já que igualdade só deve existir do ponto de vista legal, mas do ponto de vista humano, social, o que de fato é interessante é realmente sermos pertencedores de diferentes costumes.

Nesse sentido, assegura Stuart Hall (1995, pág. 48):

Ao Invés de pensarmos nas culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensar nelas como constitutivas de um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são entrecruzadas por divisões e diferenças internas profundas e “unificadas” apenas através do exercício de formas diferentes de poder cultura.

A escola nos dias se hoje se configura como um ambiente legítimo de integração social da criança e esse é o ambiente no qual mais se discute a questão da diversidade - cultural, racial, social. E para que este processo aconteça é necessário o convívio multicultural que implica respeito ao outro e diálogo com os valores diversos.

## **DO MULTICULTURALISMO À INTERCULTURALIDADE**

A diferença entre esses dois conceitos se dá na medida em que o multiculturalismo tem um caráter social e significa a presença de diferentes grupos culturais em uma mesma sociedade enquanto a interculturalidade supõe uma interrelação entre culturas variadas. No nível individual, supõe promover o diálogo no interior de cada pessoa entre as diversas influências culturais que a configuram e a que está exposta, às vezes em conflito ou não, sempre fáceis de serem harmonizadas.

Falando ao nível social, a interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diversidade e a luta contra todas as formas de discriminação e



desigualdade social e tentam promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes. Neste sentido, trata-se de um processo permanente, sempre em construção, marcado pela intenção de promover uma relação dialógica e democrática entre as culturas. Esta seria a condição fundamental para qualquer processo ser qualificado de intercultural.

As problemáticas da diversidade cultural e da interculturalidade são da maior atualidade no contexto do mundo globalizado, estando no centro das preocupações dos Estados, dos profissionais e da população, em geral. Elas implicam um novo reposicionamento metodológico, intervenção e formação, colocando novos desafios às sociedades e políticas do século XXI, no que diz respeito à gestão da diversidade cultural, das identidades, dos conflitos, da educação e da comunicação interculturais, às interações entre o eu e o outro, entre o universal e o singular.

No mundo contemporâneo, as sociedades são confrontadas por um número crescente de populações estrangeiras, originárias de diferentes culturas e portadoras de outros costumes e línguas, que afluem, sobretudo às cidades e que partilham espaços, atividades e o quotidiano. Na atualidade, segundo dados das Nações Unidas, uma, em cada trinta e cinco pessoas, é migrante internacional, constatando-se que, perto de 200 milhões de pessoas, vivem, hoje, fora dos seus países de origem, migrando essencialmente para as cidades. Com efeito, tanto a globalização e a mobilidade das populações, como a urbanização, aumentaram sem precedentes os contactos entre as culturas e a coabitação entre diferentes grupos étnico-culturais e modos de vida contribuindo, assim, para a multi/interculturalidade das sociedades, particularmente das cidades, para a interdependência social e econômica, vindo colocar sérios desafios à gestão da diversidade cultural, à comunicação intercultural e à coabitação das várias culturas.

A interculturalidade se caracteriza como um processo que implica em uma relação entre pessoas de diferentes contextos que caracterizam o seu viver cotidiano, os quais se apoiam na historicidade das pessoas e do grupo. A dinâmica relacional se dá numa perspectiva de trocas de saberes e de bens tanto culturais quanto materiais, e ela se organiza como processo de negociações que caracterizam a vida em sociedade. Esse processo envolve interesses, poderes e saberes que caracteriza esse movimento em um processo como sendo político e ideológico.

A educação multicultural busca não somente conhecer os diversos tipos de culturas, mas principalmente favorecer a construção da cidadania onde se busca o elo entre identidade e

diferença. A diversidade de concepções existentes entre os diferentes autores e obras consultadas, possibilita observar diferentes formas organizativas da Educação. Essas diferentes formas despertam o interesse para buscar argumentos que explicitem e viabilizem a compreensão dessa dinâmica ao ponto de ultrapassar o simples respeito à diversidade cultural.

## CAPÍTULO II

### Cultura Escolar

Por conta das suas vivências e experiências, Paulo Freire costumava defender a ideia de que os hábitos, os costumes, a maneira como cada ser humano enxerga o mundo e vivem a sua cultura está relacionado à classe social em que vive cada pessoa. Além disso, ele frisava que uma classe não era superior ou inferior à outra, mas sim singulares pelo fato de cada uma ter uma realidade de vida diferente, ter costumes diferentes e até mesmo viver em lugares diferentes, o que influencia de maneira ímpar na cultura local e conseqüentemente em tudo o que gira em torno da vida de um ser humano, como citado acima. Sobre isso, Freire afirma: “Um outro dado que partíamos era o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta forma a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE, 1963, p.11)

Em toda a sua proposta pedagógica, Freire reconhece a importância da cultura como gancho principal para compreender uma série de fatores. Com sua extrema sensibilidade, ele percebe que esta pode ser a porta de entrada para se fazer uma relação de diálogo entre a realidade vivida pelas pessoas e o que elas carregam consigo de acordo com suas vivências e, com isso, suas linguagens, gestos, gostos e costumes passam a ser entendidos de maneira mais fácil. Isso se relaciona com a educação à medida que tomamos ciência de que a cultura é a condição básica para que o conhecimento seja compreendido e significativo entre os educandos e os educadores, como Freire gostava de classificar; afinal, uma educação democrática não tem como ser invasiva e não pode ser classificatória de acordo com cada realidade cultural. Sendo cultura toda e qualquer atividade produtiva humana, não há por que estabelecer graus de superioridade e inferioridade cultural entre as pessoas a fim de legitimar a segmentação social.

O que Freire retratava era que uma pessoa simples do interior, que fosse analfabeta e não fosse considerada um ser humano “digno” pelo simples fato de não frequentar museus e não entender sobre obras de arte, o que é relativo, tem uma produção de conteúdo tão importante e relevante para a humanidade quanto a atividade de um professor, médico ou de qualquer outro profissional de alguma área conceituada. O fato é que quem nasce num determinado contexto

social, recebe de herança e partilha de um universo cultural que é aceito com naturalidade, e este é reproduzido automaticamente.

Neste sentido, Fiori (1987, p. 9) esclarece:

A cultura letrada não é invenção caprichosa do espírito; surge no momento em que a cultura, como reflexão de si mesma, consegue dizer-se a si mesma, de maneira definida, clara e permanente. A cultura marca o aparecimento do homem no largo processo da evolução cósmica.

E, ainda a esse respeito, comenta Freire:

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionário popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana. (FREIRE, 1963, p. 17).

Akkari (2010) faz uma afirmação a respeito da “transculturalidade na educação”. Ele afirma:

Em síntese, podemos constatar, em vários países, uma diferença notável na emergência da temática da diversidade cultural na escola, entre os países que optaram pela utilização do termo multicultural e os que escolheram o termo educação intercultural. Os primeiros, [...] focalizam a necessidade do reconhecimento e a valorização das diferenças culturais. Os segundos, [...] demonstram a preferência pelo termo educação intercultural, visto que ele permite evidenciar as interações, as trocas e as construções originadas dos contatos entre as culturas.

De acordo com Akkari, é possível perceber que nas duas abordagens, multicultural e intercultural, avanços consideráveis são perceptíveis no que se refere a valorização da diversidade cultural na educação. A educação considerada transcultural deixa claro a necessidade das pessoas conhecerem novos lugares e novos costumes, gostos e gestos diferentes dos próprios que estão acostumados. Essa ação poderia dar a essas pessoas o poder da transformação de si mesmo e, talvez, do outro. Sair da própria identidade por vezes é ganhar experiências enriquecedoras para si não só no sentido pessoal, mas também no que diz respeito a educação e a cultura. A pedagogia de Freire é utilizada universalmente pelo fato dela se encaixar em vários contextos culturais. Antônio Manuel Seixas Sampaio de Nóvoa contribui sobre isso afirmando que:

Na América do Norte, Paulo Freire circula nos meios acadêmicos e universitários, constituindo uma referência importante dos grupos que colocam no programa político (e educacional) as questões de classe, de raça e de gênero. Curiosamente, a análise específica das “minorias” não é presente nos primeiros escritos de Freire. Mais, o que mais chama a atenção dos intelectuais (e militantes) do “primeiro” mundo é a sua posição de princípio contra toda forma de discriminação social. Através da articulação entre a “linguagem da crítica” e uma “linguagem de possibilidade”, ele abre perspectivas de ação sem, entretanto, cair numa atitude inocente e desengajada. (NÓVOA, 1996, p. 54).

A educação e a cultura se entrelaçam e se dão não só dentro da sala de aula, mas também em espaços que podem ir além deste formalismo. O pátio, a biblioteca, as feiras e festas temáticas e onde são feitas as atividades extracurriculares, por exemplo, podem ser lugares propícios para a prática da “transculturalidade”, tudo isso porque, também saindo dos padrões formais de aprendizagem, quando estamos nesses espaços podemos exercitar a prática do aprender de maneira conjunta e não a sós, como acontece muitas vezes em sala de aula. Deste modo, cria-se um clima de cumplicidade e de companheirismo, que são condições indispensáveis para que os educandos se sintam a vontade para demonstrar as suas diferenças sem ter medo ou vergonha e sem nenhum tipo de constrangimento, podendo discutir livremente, expressando e compartilhando de maneira sincera toda a bagagem cultura que carrega consigo.

A cultura escolar predominante nos dias de hoje na maioria das escolas prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo e, de certa forma, ainda é um pouco difícil compreender que o convívio com o diferente e a prática de ações culturais no ambiente escolar são construtivos e essenciais para a formação dos alunos não só nas categorias padrões que regem o currículo escolar como português e matemática, por exemplo, mas na formação do aluno como um ser humano digno e rico de experiências e trocas oriundas do convívio com aquilo que não lhe é comum.

Segundo Gimeno Sacristán (2001, p. 123-124):

Uma das aspirações básicas do programa pro-diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo “normalizando-o” e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da orientação moderna. E, se a ordem é o que mais nos ocupa, a ambivalência é o que mais nos preocupa. A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando

tudo que é diferente a padrões unitários ou “segregando-o” em categorias fora da “normalidade” dominante.

Houve um processo de homogeneização cultural que fez com que a educação escolar tomasse um rumo no qual a fez tornar única, em vários cantos do mundo, a cultura nos padrões europeus. Essa base eurocêntrica fez com que os saberes, cores, crenças e costumes locais de outras regiões ficassem esquecidos ou aparentassem ter um menor valor, não se tornando necessário e/ou importante tanto na vivência dos indivíduos como no currículo escolar. Nos anos 90, por exemplo, Freire com o método que criou para a alfabetização de adultos já focava nessa nova perspectiva de ensino “fora dos padrões” e isso era de uma dimensão cultural tamanha pois superava a visão classista que existia e, de certa forma, implementava nos processos educativos uma perspectiva intercultural.

Sobre isso, Gohn (2002, p.67) afirma:

Nos anos 90, Freire destaca ainda mais a dimensão cultural nos processos de transformação social e o papel da cultura no ato educacional. Além de reforçar seus argumentos em defesa de uma educação libertadora que respeite a cultura e a experiência anterior dos educandos, Freire alerta para as múltiplas dimensões da cultura, principalmente a cultura midiática. Ele chama atenção para o fato de que ela poderá despertar-nos para alguns temas geradores que o próprio saber escolar ignora, ou valoriza pouco, como a pobreza, a violência, etc. Destaca também que a mídia trabalha e explora a sensibilidade das pessoas e por isso consegue atrair e monopolizar as atenções. Seus livros escritos nos anos 90 – de estilo mais literário – revelam um pensador preocupado com o futuro da sociedade em que vivemos, dado o crescimento da violência, da intolerância e das desigualdades socioeconômicas. Ele destacará a importância da ética e de uma cultura da diversidade. O tema da identidade cultural ganha relevância na obra de Freire, assim como o da interculturalidade.

Até hoje se problematiza a cultura escolar dominante nas escolas e, como já citado acima, o fato dela ser monocultural. Ainda não se tornou comum enfrentar as diferenças na ação educativa.

A distância entre a Pedagogia Freireana e as temáticas ligadas à infância e às crianças atualmente entram em confronto de maneira frequente, mas em uma pesquisa foi possível identificar dentro de algumas das obras de Paulo Freire diversas vezes citações referentes à criança, à infância e à educação infantil. Assim, sem uma pretensão de metodologia de análise de conteúdo, nos debruçamos sobre algumas de suas obras na expectativa de ver diminuída uma ausência e, conseqüentemente, uma distância entre o universo freireano e o da educação da infância.

A leitura sobre o pensamento de Paulo Freire, com um olhar mais sensível a estas questões, acabou por nos proporcionar um encontro com determinados aspectos da sua pedagogia que, direta ou indiretamente, parecem fazer referência à educação de crianças. Assim, conseguimos identificar dois momentos que ele mesmo caracterizou como significativos para a consolidação do movimento que seria conhecido como Educação Popular, que segundo o próprio Freire, seriam encontros com as realidades que lhe permitiram dar partida às grandes questões colocadas em torno do projeto de educação que procurou defender ao longo dos tempos. Estes momentos são, na verdade, encontros com o universo infantil, onde, entrando em contato com a realidade das crianças, Freire se preparava para ser o educador que foi.

Uma das memórias da sua adolescência, refere-se aos encontros que lhe permitiram conhecer a realidade de outros meninos, e assim, Freire a caracteriza:

Foram importantes as experiências de que participei na adolescência, com meninos camponeses, com meninos urbanos, filhos de operários, com meninos que moravam em córregos, morros, numa época em que vivíamos um pouco longe do Recife (FREIRE E BETO, 2001).

A possibilidade do encontro como sujeito ensinante/aprendente com outros sujeitos, igualmente aprendentes/ensinantes, parece marcar a pedagogia freireana não como uma pedagogia *para* o outro, mas *com* o outro. Daí ser possível entender que ele propõe uma pedagogia *com* o oprimido e não *para* o oprimido. Sob esta perspectiva, vamos encontrar na *Pedagogia da Esperança* a descrição de momentos em que Freire teve a educação de infância contextualizada nas suas teorias pedagógicas. Trata-se do relato do seu encontro com um grupo de trabalhadores espanhóis, imigrantes na Suíça, que queriam discutir com ele, a partir da *Pedagogia do Oprimido*, a constituição duma escola de educação de infância onde as crianças pudessem *problematizar a sua própria vida* e onde, "através da experiência de um pensar crítico em torno do mundo (...) fosse possível estudar com seriedade, aprender, criar uma disciplina de estudo" (FREIRE, 2001). Uma escola que seria na verdade *problematizadora*, como ele mesmo a denomina em seus relatos, precisava entender criticamente o seu próprio papel, bem como o papel que nela poderiam ter os seus educadores.

Freire analisa a possibilidade de uma escola onde ela mesmo possa ser o objeto de reflexão das crianças e o objeto de reflexão dos pais, cujo interesse primordial seria diminuir o risco de alienação que as crianças corriam, longe de sua cultura, e também estimular nas crianças uma forma crítica de pensar. Ele queria uma escola que pudesse ter uma educação livre, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto de questionar, a paixão por aprender

novos conteúdos e culturas, a curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco, sem o qual não há criação, por exemplo.

Nesta experiência de educação de infância *problematizadora*, Freire via as possibilidades de concretização de suas ideias descritas na Pedagogia do Oprimido. A discussão em torno desta ideia da criança como sujeito que não fala, ou sujeito cujo poder do exercício da fala não é reconhecido como verdadeira fala, vem se realizando de forma muito intensa na educação de infância, suscitando, entre teóricos e profissionais, um significativo debate sobre o próprio papel da educação que tem lugar com crianças pequenas. Assim, a educação de infância pretende se constituir como um espaço/tempo pedagógico, onde educadores e educandos se afirmam como sujeitos historicamente construídos (cidadãos críticos, criativos e responsáveis, capazes de entender e intervir sobre a realidade vivida).

No âmbito desta discussão, e conforme entendemos, as contribuições de Paulo Freire sobre a importância e o papel do diálogo nos processos educativos, sobretudo o escolar, tornam-se preponderantes uma vez que fornecem importantes subsídios capazes de justificar a importância do diálogo construção da humanidade do ser humano. Freire institui o diálogo, crítico e libertador, como base fundadora do que chamou *processo de conscientização*, em que o processo de formação, sustentado por um diálogo permanente, permite aos educandos pronunciarem o mundo, mediatizados por este mesmo mundo, entendendo-o, descodificando-o e, quando necessário, intervindo sobre ele para transformá-lo. Por isso, defende que a pedagogia deve proporcionar uma educação problematizadora (em oposição a uma educação domesticadora), cuja prática educativa progressista desafia os educandos e as educandas em suas curiosidades, e exige dos educadores e educadoras uma redefinição do seu papel de ensinante, transformando-os em *ensinantes-aprendentes*, uma vez que "ensinando uns e aprendendo outros, todos aprendem e ensinam, sem que isso signifique serem iguais, ou que, quem ensina não aprende e quem aprende não ensina" (FREIRE, 2001, p. 141).

Dizer que a pedagogia freireana pode estar em todos os espaços/tempos da educação infantil significa, neste trabalho, relacionar o pensamento de Paulo Freire e o seu diálogo, com o eixo central que norteia as práticas educativas com as crianças pequenas, a brincadeira. Na educação infantil, o jogo, a brincadeira, são condições para o aprendizado da criança. A brincadeira faz parte da cultura infantil em todos os povos. Desde muito cedo, por meio da brincadeira, a criança aprende a ler o mundo, condição para a produção e aquisição de conhecimento – e que por isso se impõe como necessidade. Nessas situações a criança aprende



conceitos, valores, a expressar emoções e desenvolve seus sentidos orgânicos. Torna-se alerta, curiosa, crítica, confiante.

De vez em quando somos surpreendidos com reconhecimentos de alguns dos chamados gênios da humanidade em relação a sua dívida para com as crianças e, particularmente, referida à criança que eles foram. Mas não somente eles e elas; nós mesmas, mulheres e homens comuns, de vez em quando debitamos nossas frustrações e nossos prazeres a um tempo que se conserva vivo, apesar de remoto, constituído por nossas experiências e vivências infantis. Por essas e outras é que ainda são vivos em nós os legados que Freire nos deixou de que a criança que fomos não só nunca se deixa substituir pelo adulto.

Mas Freire não está sozinho nesse seu reconhecimento à potência da criança, reverberando em nós. Apesar de um certo desprezo pelo infantil, identificado nos dicionários com o tolo e o ingênuo um número crescente de artistas, pensadores, escritores, filósofos e poetas mostram essa filiação não só do adulto, mas do profissional ao infantil. É essa a posição de Machado de Assis quando assegura que a criança é o pai do homem e a de Nietzsche ao afirmar que “o máximo de autoridade que um homem pode atingir é quando ele tem a seriedade que têm as crianças quando brincam.” É nessa direção que vamos encontrar Paulo Freire nos ensinando o tempo todo a manter o infantil. Nesse sentido, ele se refere ao infantil como sonho, potência, desejo, curiosidade e daí por diante.

Se ser livre é um desafio que podemos enfrentar nessas arriscadas travessias de que se compõem a vida humana, estamos de certo modo identificados com as crianças que se dirigem para um futuro como o que ainda não existe mas que tem referenciais nos sonhos, nas brincadeiras, como uma espécie de utopia que vai se concretizando como antecipação nesses exercícios do faz de conta em que as crianças experimentam o mundo e sua capacidade de aceitá-lo e transpô-lo, através de permanentes processos de construção.

Paulo Freire potencializa um legado para o empoderamento da educação das crianças, mas essa sua construção está conectada com muitos outros avanços e é assim que Paulo Freire se move, escavando suas memórias mas também com seus transbordamentos de criança, brincando com o seu desejo sem nem espantar os medos das perdas, nem deixar-se paralizar por eles ou acomodar-se com as supostas certezas.

Por tudo isso, no seu último livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” (1996), Paulo Freire pôde afirmar:

Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, inacabado e consciente do inacabamento.

Apesar de se perceber que o legado freireano é voltado para a educação de jovens e adultos, é possível analisar e ver como a sua pedagogia pode ser recriada e aplicada na educação infantil. Freire na sua obra “A Educação na Cidade”, de 1991, cita sobre diferentes realidades de infâncias e crianças e como é a sua educação. Sob essa perspectiva, foi possível evidenciar que o pensamento freireano é um dos mais significativos para mudanças no âmbito da Educação, em especial o resgate da Infância e da Educação das crianças das Classes Populares. Na época em que foi escrita a obra, Freire estava como secretário de educação de São Paulo e, devido a isso, é possível concluir que sua atenção, embora sempre ligada aos jovens e adultos, estava também mais voltada para as crianças devido à sua função política.

Segundo Zitkoski (2006):

Freire situa-se na passagem do paradigma filosófico da modernidade – que se ancorava na subjetividade humana enquanto medida de todas as coisas e produção de todo e qualquer sentido possível – para um novo paradigma fundamentado na relação sujeito-sujeito (relação intersubjetiva), que requer a prática da solidariedade, da comunicação e do diálogo; fundamentados na vida em sociedade e da produção de todo e qualquer sentido humanamente válido. Nesses termos, o educador supera a modernidade, embora seja “moderno” em certos aspectos de sua proposta teórica, principalmente em sua defesa incondicional da utopia e da esperança como molas propulsoras da história humana. A originalidade de Freire está na superação da modernidade ao buscar construir, crítica e criativamente, novos elementos para conceber a vida humana em sociedade de modo radicalmente democrático e libertador. Ele é também original ao elaborar uma nova visão epistemológica, considerando a produção do conhecimento de forma dialógica, intersubjetiva e dialeticamente aberta para o dinamismo da vida, para a diferença e para o inédito, além de inspirar profundas inovações na visão política e ética dos problemas que desafiam o mundo atual (p. 69-70).

A “fama” de Freire pela educação tomou proporções mundiais. Ele insistia em não separar a teoria da prática, que na verdade é o que acontece nos dias de hoje na maioria das vezes. Nas escolas os alunos aprendem todo o conteúdo que está discriminado nos livros didáticos, mas são poucas as instituições que fazem com que eles realmente vivam e presenciem todo aquele conteúdo. E apesar de Freire insistir e ter como objetivo não separar a teoria da prática, isso nem sempre era uma tarefa fácil.

Ele era uma pessoa simples e, apesar de tudo, levava consigo o bom humor em quase todas as situações que podia. Apesar da sua aparência muitas vezes fragilizada, as palavras de Paulo Freire eram fortes e ele tinha a mania de ser observador por onde passava. Suas observações eram críticas e ao mesmo tempo poéticas. Ao ler seus livros às vezes temos a impressão que ele tinha um olhar de criança detalhista que observava o universo nos mínimos detalhes justamente por não ter medo de dizer e escrever o que pensava.

Era dono de uma coragem diferente e de uma relação de afeto que pôde proporcionar às pessoas que puderam ter o privilégio de conviver com ele. Freire era rígido e sério com todo o tipo de opressão, independente de quem a fazia, mas ao mesmo tempo conseguia ser capaz de ser amoroso em suas falas e capaz também de fazer reflexões profundas sobre a vida humana e sua existência. Muitas vezes conseguia aparentar uma espécie de “criança crítica” e inconformada diante das injustiças do mundo e ao mesmo tempo tinha a capacidade de se rever, brincava com seus valores e situações do cotidiano.

As obras de Paulo Freire revelaram que ele tinha muita delicadeza e era sutil para descrever as relações de poder e desumanização. Revelou a característica nobre de conseguir sempre se colocar no lugar do outro e, por conta disso, foi capaz de colocar o oprimido como sujeito da transformação de sua realidade. Freire defendeu a tolerância incansavelmente e foi capaz de reconhecer que a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão. Ele acreditou que a educação podia ser a chance de dar uma vida mais digna àqueles que eram menos favorecidos e lutou por isso desde o início da sua vida até o fim. Fez cada uma dessas pessoas acreditarem que qualquer ser humano pode ser capaz de aprender com a sua própria vida e história e, independente da condição em que vivem, nada é descartável e tudo é aprendido. De maneira geral, pode-se dizer que a pedagogia de Paulo Freire consistia em dialogar com as massas sobre suas ações a partir de uma realidade social e histórica. Era e é a pedagogia dos seres humanos, empenhando-se na luta por sua libertação.

Paulo Freire ensinava os seus alunos a “lerem o mundo”, enxergarem a realidade e os encorajava a ter o poder de transforma-la. A alfabetização, por exemplo, é um método para o educador, que faz com que as pessoas saiam do silêncio e se preparem para o mundo se tornando responsáveis por, a partir daí, serem sujeitos protagonistas da sua própria história. No conjunto do pensamento de Paulo Freire encontra-se a idéia de que tudo está em permanente

transformação e interação. Freire dizia, numa frase famosa, que "o mundo não é, o mundo está sendo".

Embora o trabalho de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire tenha passado para a história como um "método", a palavra não é a mais adequada para definir o trabalho do educador, cuja obra se caracteriza mais por uma reflexão sobre o significado da educação. Freire em sua teoria dividia a sua teoria em três momentos de aprendizagem. O primeiro é aquele em que o educador se inteira daquilo que o aluno conhece, não apenas para poder avançar no ensino de conteúdos mas principalmente para trazer a cultura do educando para dentro da sala de aula. O segundo momento é o de exploração das questões relativas aos temas em discussão - o que permite que o aluno construa o caminho do senso comum para uma visão crítica da realidade. O terceiro momento, mas não menos importante, nada mais é do que a consciência do aluno. A coerência foi um dos conceitos que, diferente de muitos outros autores, Paulo Freire deu uma importância especial: a coerência. Ele não achava possível a adoção de métodos pedagógicos onde o educando não pudesse ter contato com a prática.

Do ponto de vista cultural, nos referimos ao desenvolvimento de valores que de maneira clara se preocupam com a desconstrução cotidiana de relações de desigualdade e de desvalorização do outro, independente de qual tenha sido o motivo para haverem essas relações. No contexto escolar, por exemplo, a pedagogia, as regras disciplinares explícitas e implícitas, o modo como são feitas as avaliações e as formas como são organizadas, influenciam no comportamento e na formação de cada aluno. Já na prática, é necessário pensar. Diante de tudo isso, como sugere Freire, a prática pode vir a ser um dos fatores mais importantes dentro do ambiente escolar: os estilos de aula, os tipos de avaliação, a organização dos espaços de recreação e esportes, organização das salas e assim sucessivamente.

Pensando nisso, é possível concluir que deve haver o respeito às diferenças e ao tempo de aprendizado de cada educando e isso pode ser visto como uma fonte de recursos para transformações positivas ao invés de ser visto como um obstáculo. Trata-se de questionar o elo das relações humanas: a participação de cada sujeito, suas vivências e a estruturação das relações sociais.

A obra "A Educação na Cidade" ([1991] 2006), por exemplo, é composta por entrevistas proferidas por Freire, no período de 1989 a 1991. Ela é dividida em: "Educar para a liberdade numa metrópole contemporânea" e "Reflexões sobre a experiência com três educadores" e seus

textos falam sobre situações recorrentes no cotidiano pedagógico e, sendo assim, é possível afirmar que por estar diretamente envolvido com as questões relativas à educação da infância, nesta obra, Freire traz muitas reflexões a respeito desta temática. Foi possível observar que em todo texto os assuntos de maior relevância giravam em torno do acesso à educação e a participação das crianças de classes populares na escola. A esse respeito, Freire ([1991] 2006) afirmou que:

É fundamental, creio, afirmar uma obviedade: os déficits referidos da educação entre nós castigam sobre tudo as famílias populares. Entre oito milhões de crianças sem escola no Brasil não há meninos ou meninas das famílias que comem, vestem e sonham. E mesmo quando, do ponto de vista da qualidade, a escola brasileira não atenda plenamente as crianças chamadas “bem nascidas”, são as crianças populares – as que conseguem chegar à escola e nela ficar – as que mais sofrem a desqualidade da educação enquanto desajudam os meninos e as meninas populares” (p. 22).

Nesta mesma obra, Freire questiona o método de avaliação utilizado para as crianças de classes populares. Segundo ele, os critérios e a forma como o saber é avaliado privilegiam as crianças de classes mais favorecidas e, como ele mesmo cita, “desajudam” as classes menos favorecidas. Isso não deveria ser dessa forma, afinal, para Freire, a avaliação é uma das práticas mais importantes no meio da educação, e nela não deveria conter apenas os padrões de prova onde os alunos são tratados como máquinas reprodutoras de conteúdo, mas sim o uso da criatividade e da liberdade.

O fato era que Freire buscava frisar que a avaliação na escola não considerava o saber de cada aluno. As experiências de vida, os históricos de luta, as vivências cotidianas e os costumes não eram levados em conta e, por conta disso, ele afirmava que as crianças das classes populares saíam em desvantagem na escola, pois talvez isso fosse o que elas poderiam carregar de mais valioso e no entanto, nos padrões formais escolares, não tinha valor nenhum.

Segundo Freire ([1991] 2006):

(...) a experiência das crianças das classes médias, de que resulta seu vocabulário, sua prosódia, sua sintaxe, afinal sua competência linguística, coincide com o que a escola considera o bom e o certo. A experiência dos meninos populares se dá preponderantemente não no domínio das palavras escritas mas no da carência das coisas, no dos fatos, no da ação direta. Democratizando mais seus critérios de avaliação do saber a escola deveria preocupar-se com preencher certas lacunas de experiência das crianças, ajudando-as a superar obstáculos em seu processo de conhecer (p. 22-23).

Ele defendia a ideia de que as escolas deveriam ser, na verdade, espécies de centros de criatividade, para que o exercício de ensinar e aprender passasse a ser uma troca, algo alegre e prazeroso, e não um fardo como muitas vezes parece ser. Não era necessário apenas deixar a escola com “um novo visual”, isso era importante, mas o respeito demonstrado desde os diretores da escola até as crianças, os zeladores e merendeiros eram fatores primordiais. Freire acreditava que as crianças deveriam ser consideradas partes ativas e constituintes da escola.

## CAPÍTULO III

### **Ação Cultural na Escola**

Pode-se dizer que a “ação cultural” é considerada a criação e a promoção da cultura brasileira através do resgate de sua consciência histórica, colocando a arte a serviço da educação. Para tanto, deve-se criar e organizar condições necessárias para que os indivíduos possam agir como sujeitos da cultura, criando ações culturais e não apenas consumindo a chamada “cultura comercial”, que gera uma massificação da sociedade, onde as pessoas não têm uma individualidade e acabam consumindo o que está na moda, o que todos gostam. A cultura é algo que traz um sentido, um significado, a “cultura comercial” que vemos hoje em dia é apenas entretenimento. É necessário também diferenciar cultura de educação. A ação cultural visa criar algo novo, transformar e conscientizar a sociedade através da arte, já a ação educacional tem por objetivo educar, dar a formação formal. Galardini (2003b) vai dizer que

Experiências partilhadas criam um ciclo virtuoso que enriquece a todos. Dessa forma, esses eventos são também importantes para permitir o intercâmbio entre os pais. Nascem entre eles a solidariedade e a amizade, sentem-se parte de uma pequena comunidade, partilham experiências, podem experimentar que a solidariedade existe. (GALARDINI, 2003b, p. 170, traduzido).

Na visão do autor, é preciso muita determinação e sensibilidade por parte dos educadores e da direção da escola para proporcionar aos pais uma participação em diversas atividades oferecidas e desenvolvidas no âmbito escolar, uma vez que envolver os adultos não é fácil, pois, na realidade social atual, as famílias estão centradas nos espaços privados e não orientados para a partilha e a participação. Cada situação deve ser preparada com cuidado; não se podem improvisar encontros de grupo, momentos de festa ou projetos de trabalho, tudo deve ser estudado e pesquisado antes para que ocorra de maneira eficaz agregando aos alunos e também aos pais. Corrêa (2006), a respeito disso, afirma:

[...] outras formas de participação, em especial aquelas em que as crianças estão diretamente envolvidas, o que, talvez, seja o meio pelo qual as famílias se sintam

mais “seguras” ou mais à vontade para participar. Isso denota uma percepção do que talvez pareça óbvio, mas que frequentemente passa despercebido: trata-se de compreender que as pessoas, crianças ou adultos, ainda que pertencentes a um mesmo grupo social, não são todas iguais, embora tenham os mesmos direitos, o que pressupõe a necessidade, se não a obrigação, de que aqueles que prestam serviços, especialmente no setor público, encontrem formas de garantir os direitos sem desprezar as características e necessidades particulares de cada um. (CORRÊA, 2006, p. 24).

Como vimos no capítulo anterior, a escola é campo fértil para o desenvolvimento da cultura cidadã, participe da transformação social. Dessa forma, a nossa observação da escola deu-se a partir da minha inserção nas atividades cotidianas que ocorreram no Colégio Marília Mattoso. Esta escola, localizada em Niterói, vai desde a Educação Infantil até o ensino médio, porém esta pesquisa foca no Ensino Fundamental I como base para os seus fundamentos.

O Marília é um colégio com grande potencial para exercer e propor aos seus alunos atividades culturais. Apesar de seu espaço físico ser relativamente pequeno comparado às outras escolas particulares da cidade, ele consegue administrar esse fator realizando eventos no pátio e na biblioteca, além de propor também passeios extraclases.

Foi realizada a pesquisa de campo durante seis meses, desde agosto de 2016 até janeiro de 2017 e, com isso, foram realizadas algumas atividades como por exemplo, a Feira Literária, a Oficina de Consciência Ambiental, uma visita ao Museu da Vida na Fiocruz, um Café com Poesia que, no caso, aconteceu como um chá da tarde no dia dos avós com o objetivo de perceber a influência de ações que promovem a cultura do saber e do transformar, entre outros.

A escola promove atividades integradas à família com o objetivo de partilhar conhecimento, afeto e memória, esta alicerçada a partir da valorização do tempo presente. No dia das avós, a escola propôs que os alunos escrevessem poesias para suas avós a fim de homenageá-las e essa atividade levou o nome de “Café com Poesia”. Durante a aula, os alunos a escreveram sem saber que precisariam declamar em público o trabalho realizado. Dessa forma, neste dia, os avós, enquanto convidados, foram homenageados pelos seus netos.

Percebi o interesse na composição das poesias que seriam entregues às avós, mas percebi também que suscitou um receio quando a professora lhes relatou que a mesma seria declamada na ocasião do evento. Foi observado a resistência, por parte dos alunos, por se tratar de um “sentimento particular”, único e íntimo. A professora, por sua vez, utilizou do afeto e do



encorajamento para estimular e animar os alunos à leitura. Por fim, a maioria dos alunos conseguiu cumprir com o objetivo proposto e as avós ficaram felizes com a homenagem.

A Feira Literária ocorreu no pátio da escola e com exposições de livros onde os pais podiam adquirir para seus filhos e também foi preparado para o dia do evento uma série de apresentações de trabalhos realizados pelos alunos em diferentes linguagens (teatro, dança, poesia, entre outros). Um dos trabalhos consistia em dramatizações a partir de um tema histórico, como por exemplo “A Era pré-histórica”. Os alunos expressaram através do teatro, a evolução da tecnologia e mostraram a história desde a idade da pedra, passando pelos dias atuais, vislumbrando o futuro. Essa apresentação foi feita na presença dos pais e de todas as pessoas que estavam presentes na feira e, apesar da quantidade do público externo, todas as crianças participaram com muito entusiasmo e interesse. Elas pareciam estar bem familiarizadas com esse tipo de atividade teatral, de “exposição”.

Durante esta mesma Feira, estavam expostas no mural da escola algumas poesias feitas por alunos do 5º ano do ensino fundamental. Foi quando, para a minha surpresa e acredito que também para a do público presente, observei que dois alunos solicitavam à professora que recitassem suas poesias. Dessa forma, pude perceber a influência do desenvolvimento da autonomia e da curiosidade por parte dos alunos. Tudo aconteceu de maneira bem descontraída e aconchegante, apesar da surpresa. Para mim, por exemplo, não seria nem um pouco agradável declamar um poema em meio a uma multidão de pessoas, mas o desfecho se deu com os dois alunos satisfeitos após terem mostrado ao público o trabalho que realizaram dentro da sala de aula.

A importância de oportunizar um ambiente acolhedor, propício ao resgate do ser humano global, ou seja, sem fronteiras que delimitam o saber específico, mostram a capacidade de transcender as separações que dilaceram o sentido da educação e da cultura somente em sala de aula. Sobre isso, Giroux (1995, p 49.) afirma:

A cultura infantil é uma esfera onde o entretenimento, a defesa de ideias políticas e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança – uma combinação de posições de gênero, raciais e de classe, através das quais elas se definem em relação a uma diversidade de encontros.

A participação familiar em eventos escolares é de suma importância para os alunos, ainda mais se tratando do ensino fundamental 1. A construção da cultura da participação nas escolas da educação infantil no Brasil, como orienta um documento recém-apresentado pelo

Ministério da Educação (MEC), deixa claro como faz total diferença a presença dos pais e/ou familiares nos eventos e ações culturais promovidos dentro do ambiente escolar:

É muito importante a participação ativa dos pais no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Essa relação deve ser de parceria, de trocas, de corresponsabilidade no cuidar e educar das crianças, para que haja coerência nas ações entre eles e, dessa forma, a criança seja beneficiada. Deve-se envolver os pais na organização das instituições, nas decisões relativas à organização das propostas e do trabalho cotidiano, bem como trazê-los para vivenciar o cotidiano da instituição. Para isso, é preciso oferecer momentos de socialização e reflexão sobre o que é cuidar e educar, sobre as etapas do desenvolvimento humano, sobre a proposta pedagógica institucional, sobre a inclusão e a diversidade (BRASIL, 2013, p. 11).

É notória a satisfação e alegria dos alunos quando se tem atividades culturais no ambiente escolar, pelo fato de se tornar atrativo tudo aquilo que sai do padrão. Tudo que lhes é ensinado fora das quatro paredes da sala de aula, ainda que continue dentro da escola, se torna agradável e confortável simplesmente por dar uma conotação de ser algo mais “leve”, sem a rigidez da sala de aula, e isso se torna ainda mais evidente quando falamos da faixa etária do ensino fundamental 1, onde as crianças estão em uma fase da vida de descobertas muito forte e isso faz com que cada evento agregue nelas um valor, um sentido e um aprendizado diferente através da cultura.

Todo o tipo de projeto ou evento cultural que acontece nas escolas nos dias de hoje são iniciativas além de importantes, necessárias na complementação da formação do indivíduo pois proporciona a ele um conhecimento sobre a diversidade cultural existente no nosso país e isso faz com que o mesmo se torne um cidadão crítico, criativo, comunicativo, receptivo, entre inúmeros outros adjetivos. A criatividade, por exemplo, nos últimos tempos tem sido considerada uma característica de grande relevância para o desenvolvimento humano por ela ser capaz de fazer com que nós nos adaptemos ao meio sendo capaz de gerar para nós um bem-estar pessoal e social facilitador no que diz respeito à convivência e a vida social de cada um. Sobre isso, Lampert (2008, p. 132) afirma que:

É importante a pesquisa na sala de aula porque pode desvendar, elucidar fatos, fenômenos e desmistificar verdades até então aceitas como universais. Ela mostra a realidade sob distintos olhares: como as pessoas vivem, sobrevivem, como participam na sociedade, ou se são excluídas da mesma.

Os indivíduos criativos podem ser considerados como impulsionadores da civilização em busca de novos caminhos, usando diferentes modos de exercitar a criatividade da criança desenvolvendo atividades como colagem, construção com sucata; descobrindo cores, textura, desenhando, explorando sons, pintando, recortando, enfim, resgatando a nossa cultura. Com isso, cria-se uma abordagem interdisciplinar, ou seja, que alça saberes de diversas áreas. Na escola observada, todas essas atividades acima citadas são desenvolvidas dentro da sala de aula e também em um ambiente propício para as aulas de artes. Nesse momento, as crianças se tornam independentes e capazes de criar dentro do que lhes é proposto, algo pessoal e personalizado fazendo com que cada um tenha o seu próprio olhar e sua própria interpretação sob seu trabalho.

Isso se torna interessante à medida que observamos o fato de uma mesma temática ser passada para uma turma de, por exemplo, 30 alunos, e no resultado conseguimos obter 30 construções diferentes. Isso é de um valor simbólico singular onde a criatividade se torna o ponto chave para o desenvolvimento humano e cognitivo de cada criança, e essa criatividade consegue ser tão bem desenvolvida assim nos alunos justamente devido à todas essas atividades culturais propostas pela escola, que são de suma importância. A proposta dessas atividades culturais, além de tudo, promove a aproximação entre os alunos de toda comunidade escolar, levando à eles a aprendizagem de técnicas e expressões artísticas proporcionando assim uma atmosfera de confiança em si mesmo.

Em uma pesquisa feita com crianças do ensino fundamental 1, foram feitas as seguintes perguntas: Você gosta de ir à escola? Por que? O que você mais gosta de fazer na escola? Aos finais de semana, quando não é possível ir à escola, o que você mais gosta de fazer? Quando é dita a palavra “cultura”, o que vem a sua cabeça? O que vocês já aprenderam sobre cultura na escola?

Foi possível perceber que em 100% das respostas as crianças citaram alguma atividade cultural que foi desenvolvida na escola, além do afeto e dos laços de amizade que, por conta de muitas dessas atividades, foram criados no ambiente escolar. A interação entre os alunos em horários como a entrada e saída e, principalmente, o recreio, fazem com que a criatividade aflore e faça com que eles vivenciem momentos proveitosos para a formação de suas vidas sociais. A escola é um local privilegiado para o exercício da cidadania, é aí que se formam as bases para a atuação futura na sociedade. O educando precisa aprender a ser atuante, e para isso,

no espaço escolar ele tem de se perceber corresponsável em tudo o que acontece no dia a dia escolar, seja no cuidado das dependências da escola, atenção às aulas, na convivência solidária e respeitosa com colegas e professores, etc. A educação voltada para a cidadania proporciona uma formação que promove a compreensão, a tolerância, a solidariedade e o respeito à diversidade social e cultural, assim como, a participação nos destinos do meio em que vive. Candau (1999, p. 112) diz sobre isso que

Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social.

A cidadania se constrói pelo reconhecimento das diferenças de cada ser humano, pelo combate aos preconceitos, as discriminações e aos privilégios, e isto se dá pela participação no grupo, pela consciência dos direitos e deveres e pela confiança que cada um deve ter de si e do seu poder de transformação para que o bem comum prevaleça. Na escola, a cidadania não deve existir apenas no discurso, ela tem de ser vivenciada no cotidiano de todos que dela fazem parte.

Neste sentido, o aluno deve ser formado não só para uma autonomia intelectual, mas principalmente, para ter uma visão crítica da vida, para que possa formular seus próprios juízos de valor, discernimento e de ação perante as diferentes circunstâncias da vida, de forma que possa agir como pessoa responsável e justa. É dessa forma que a escola exerce o seu papel de construtora de cidadãos: dando a cada criança desde o início da sua formação a educação para a formação intelectual de cada aluno, a cultura através de eventos e atividades extracurriculares para o desenvolvimento criativo deles e, por fim, oferece o ambiente escolar para convívio para o desenvolvimento do cidadão crítico e saudável.

Nas considerações de Paulo Freire

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126).

De acordo com o que pensa Paulo Freire, o professor é a pessoa responsável por coordenar a ação educativa, o aluno o sujeito participante, a escola estaria disposta a ser um ambiente propício para o desenvolvimento da cultura e, por fim, a sala de aula funcionaria como um espaço de diálogo. É em função desses pressupostos citados que se constrói uma escola com uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade.

Paulo Freire não para por aí, ele diz que além de tudo a escola deve ser um lugar de trabalho e aprendizagem, onde a convivência seja um fator essencial na percepção de que a escola é um lugar de privilégios. Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (1975, p. 30).

Colocando a escola como local de convivência também para a formação de cidadãos como já citado acima, a escola em foco nessa pesquisa realiza passeios extraclasse para sítios como o Megaville onde as crianças podem jogar futebol, brincar na piscina, entre outras atividades, a fim de estimular cada vez mais essa troca entre os alunos de séries e anos diversos, proporcionando a eles um dia de diversão, brincadeiras, socialização e muitas outras coisas. Em conversa com um aluno do 4º ano do ensino fundamental, ele relatou: “gosto do passeio ao Megaville porque fico com os meus amigos brincando inclusive no ônibus, desde a hora que saímos da escola até a hora de voltar.” (Mateus Acetta, 10 anos). Como se pôde perceber, a realização de uma prática pedagógica não apenas dentro do ambiente escolar, mas também, com passeios externos como esse, dá o devido valor à experiência cotidiana como forma de transformação dos sujeitos. Assim, a educação é compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo pelas vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes.

De acordo com os filhos de Paulo Freire, o poema citado abaixo não foi escrito por ele e sim por uma educadora que estava assistindo a uma palestra dele. Com base no que ouvia, ela foi escrevendo o poema utilizando frases e ideias de Freire. No final da palestra, aproximou-se dele e lhe entregou o papel, sem se identificar. Freire nunca publicou esse poema em nenhum de seus livros, embora suas ideias sobre a escola tenham sido captadas pela autora e traduzidas no poema que diz que escola é

o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se 'amarrar nela'! Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

Nesse sentido, a escola desenvolve com os alunos um laço de afeto que se torna inseparável e insubstituível mesmo com o passar dos anos. Isso foi o que aconteceu comigo, particularmente, e foi a partir desse sentimento que escolhi fazer essa pesquisa no colégio Marília Mattoso. Todas as atividades pedagógicas realizadas dentro do espaço escolar, de uma forma ou de outra, transformam cada aluno e além de lhes dar o conhecimento necessário sobre a temática que está sendo trabalhada, elas fazem com que cada criança desenvolva a sua vida social sendo capaz de conhecer outros hábitos, culturas, costumes e, mesmo que dentro da escola todos se vistam de maneira igual, ninguém age de maneira igual; cada aluno possui a sua identidade e traz para dividir com o outro as suas experiências de vida. Essa é a grande importância da realização dessas ações culturais na escola. Faria (1995, p. 93) afirma sobre isso que

[...] o conhecimento do ambiente cultural e de suas tradições, integrando-se com atividades próprias de outros campos curriculares, permite também desenvolver a relação com o passado pela reconstrução de eventos relacionados com a criança. Uma importante experiência educativa nesse sentido é representada pela participação de eventos significativos da vida social e da comunidade. É preciso também desenvolver, no plano comunicativo, prático e das relações, a capacidade de compreender as necessidades e as intenções dos outros e de tornar interpretáveis as suas próprias, de superar o seu exclusivo ponto de vista, de aceitar as diversidades (em particular aquelas ligadas a inabilidades físicas e mentais) e de assumir de modo autônomo papéis e tarefas.

Na escola em questão foi desenvolvida também uma oficina de consciência ambiental que foi montada no pátio da escola, onde cada turma pôde aprender um pouco sobre a coleta do lixo e cada uma apresentou, por dia, um trabalho realizado com material reciclado, como por

exemplo, a substituição de sacolas plásticas por sacolas retornáveis. Além da cultura, é de grande importância para os alunos do ensino fundamental trabalhos como esse que dão início ao conhecimento da educação ambiental. Isso se dá pelo fato do ambiente escolar ser um dos primeiros lugares que vai fazer com que as crianças tenham um primeiro contato para a conscientização dos futuros cidadãos para com o meio ambiente, por isso a educação ambiental é introduzida em todos os conteúdos (interdisciplinares) relacionando o ser humano com a natureza. A inserção da educação ambiental na formação desses alunos pode ser uma forma de sensibilizar os educandos para um convívio mais saudável com a natureza. Este tema deve ser trabalhado com grande frequência na escola, porque é um lugar por onde se formam os futuros cidadãos. Segundo Segura (2001, p. 21): “A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização”.

Em trabalhos como esse, é possível que o aluno passe a entender e perceber a existência de um todo, parando de notar apenas si mesmo se atentando à presença do outro. Dessa forma, o planeta se encaminha para o equilíbrio natural e essa lição se encaixa não só para a educação ambiental, mas também para a vida. Ainda segundo Segura (2001, p.165)

Quando a gente fala em educação ambiental pode viajar em muitas coisas, mas a primeira coisa que se passa na cabeça ser humano é o meio ambiente. Ele não é só o meio ambiente físico, quer dizer, o ar, a terra, a água, o solo. É também o ambiente que a gente vive – a escola, a casa, o bairro, a cidade. É o planeta de modo geral. (...) não adianta nada a gente explicar o que é efeito estufa; problemas no buraco da camada de ozônio sem antes os alunos, as pessoas perceberem a importância e a ligação que se tem com o meio ambiente, no geral, no todo e que faz parte deles. A conscientização é muito importante e isso tem a ver com a educação no sentido mais amplo da palavra.

Ainda sobre as ações culturais desenvolvidas no colégio, os alunos do 5º ano do ensino fundamental puderam levar amigos de outras escolas, no dia do amigo, para passarem o dia juntos no Marília Mattoso. Foram feitas diversas atividades durante o dia, terminando com a partilha de um lanche coletivo.

Na escola, seja no pátio ou dentro da sala de aula, nos deparamos com pessoas que carregam em si personalidades diversas, agem e pensam diferente umas das outras e, por consequência, têm visões diferentes em muitos pontos de vista. Entre os alunos, o

relacionamento na escola precisa ser de respeito e cooperação para que todos tenham espaço e não se sintam acanhados na hora de se manifestarem. A ida de novas crianças que não são frequentadoras da escola e, para grande parte dos alunos, desconhecidas, se torna saudável a medida que os próprios alunos enxergam as diferenças entre si, que são absolutamente normais sabendo que cada ser humano possui a sua identidade e suas próprias características, e aprendem a conviver de maneira harmoniosa e respeitosa.

Desde os primeiros anos escolares é interessante que os alunos tenham consciência da importância do companheirismo e da cooperação na construção de relações firmes e duradouras com os colegas. Aprender a respeitar a opinião dos colegas, dividir tarefas, discutir sobre metodologias e resultados de pesquisa ajudam o aluno a construir seus pontos de vista, tornando-se assim, sujeito de sua aprendizagem. Essas práticas, se bem trabalhadas vão ser importantes não somente na escola, mas em diversas situações da vida dos indivíduos. Como dizem Mosquera e Stobäus (2004, p. 97):

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. Outro aspecto que aparece como pano de fundo do que estamos colocando é que nos acostumamos a viver com as máscaras que colocamos em nós mesmos e nas outras pessoas. [...] Às vezes esta máscara é tão imponente que passamos a senti-la tão grudada à nossa pele que parece que temos esta outra pele. Voltaríamos a perguntar: que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar?

Muitas crianças nos dias de hoje frequentam a escola sem o suporte da família em casa, sem receber a educação no sentido mais amplo da palavra, sem saber como se portar ou como, de fato, ser educado com as palavras e o comportamento. Existindo na escola uma relação de confiança e respeito entre alunos, professores e os diversos funcionários, ela pode se tornar um ambiente alegre e motivador fazendo com que o aluno enxergue a escola como a sua segunda casa, um local de segurança e de importância pelo fato de saber que lá possivelmente ele frequentará durante boa parte da vida. Por vezes, basta apenas um olhar, um sorriso, para que este aluno passe a enxergar de uma maneira diferente aquele ambiente que poderia lhe parecer hostil.



O jogo e o esporte são manifestações culturais que compõem o corpo de conhecimento próprio da Educação Física. Como de costume e tradição, também ocorreu na escola em pesquisa as olimpíadas. Essa é uma atividade que mobiliza todos os alunos do ensino fundamental e todos os funcionários também; é uma atividade que quebra um pouco da rotina da sala de aula fazendo com que os alunos, de maneira sadia, façam competições esportivas entre si. O esporte deve assumir um caráter diferenciado daquele que conhecemos atualmente. As diferentes modalidades esportivas (coletivas ou individuais) devem ser ensinadas de modo a “encantar” os alunos, e é isso que os jogos olímpicos dentro da escola fazem.

Muitas vezes o papel da Educação Física acaba sendo, por consequência da prática durante as aulas, a descoberta de talentos. Porém, é importante lembrar dos aspectos educativos do esporte educacional, uma vez que [...] à medida que o esporte escolar se desenvolva, ele permitirá ao aluno o exercício de sua cidadania, na qual o trabalho e o lazer são fundamentais para uma boa qualidade de vida. Com isso, a cidadania significa participação e para participar do esporte é preciso saber, conhecer, analisar e refletir a prática esportiva. (SANTOS et al., 2006)

Nesse sentido, a educação física se torna um fator essencial para a formação do aluno à medida que se passa a educar através do esporte.

[...] quem joga coopera (atua junto), tem a oportunidade de rever pontos de vista e atitudes, de reconhecer o esforço próprio, coletivo e alheio, de compartilhar espaços, ideias, projetos, de concentrar-se, de criar estratégias para mais bem interagir com os desafios impostos pela disputa, de se aproximar de outras pessoas, de conviver com as diferenças, com a vitória e a derrota, de aprender a lidar com estas últimas, de colocar-se disponível, de socializar habilidades, de expressar sentimentos, de solidarizar-se. (SANTANA; REIS, 2006, p. 137).

Nos dias de hoje, o desenvolvimento das crianças é relacionado às atividades que elas praticam no seu dia a dia, onde na maioria das vezes ficam em casa na frente de um computador ou um aparelho de TV. Desta forma “[...] os problemas arrolados anteriormente não passam despercebidos, fazendo-se necessária, cada vez mais, uma ‘cultura de movimento’ em que se valorizem práticas corporais interdisciplinares” (MATTHIESEN, 2004, p. 11). Um dos maiores “problemas” da disciplina de Educação Física é como acontece a relação entre teoria e prática, onde os professores se preocupam com os conteúdos relacionados à saúde e os alunos

esperam que as aulas aconteçam em forma de recreação, normalmente ligadas a algum esporte coletivo. Desta forma, o professor precisa levar em consideração que os alunos estão sempre em constante mudança, ainda mais em tempos de tecnologia presente na maioria dos contextos nos quais os alunos convivem. Isso, conseqüentemente muda o ritmo de vida de todos. Assim, tanto o professor como o aluno devem encontrar um meio de conciliarem e trocarem estas experiências adquiridas, cabendo principalmente ao professor buscar meios de ter aulas planejadas de maneira que fiquem atrativas para todos, levando o maior número de alunos a tirarem o melhor benefício para a sua saúde e lazer que podem ser através dos mais diferentes exercícios e esportes individuais ou, coletivos. O entendimento construído historicamente acerca da Educação Física Escolar associou o esporte escolar ao alto rendimento, limitando as ações à reprodução da prática. Tais avanços da área favorecem a prática embasada no cotidiano, a reflexão e a valorização da cultura do movimento. Desse modo, indica-se a necessidade de ampliação dos relatos referentes à prática docente, ao esporte e realizações da Educação Física Escolar na formação do cidadão.

Por esse motivo as Olimpíadas são desenvolvidas ano após ano, fazendo com que se crie entre os alunos neste evento, além das aulas, o respeito mútuo e o entendimento do real sentido e a importância da prática de esportes no ensino fundamental 1 bem como em todos os seguimentos. A troca de medalhas de honra ao mérito ao final do evento, marca toda a satisfação dos alunos e mostra que apesar dos desentendimentos e das discórdias vez ou outra durante alguns jogos, o importante é competir.

[...] a Educação Física é uma área do conhecimento que trabalha com o corpo e o movimento como parte da cultura humana. Nessa perspectivacultural na qual Educação Física Escolar está inserida, não se deve associar seus benefícios apenas às questões fisiológicas dos seres humanos, mas também ao seu autoconhecimento corporal, melhoria da auto-estima, e do autoconceito, entre outros. (Paim; Bonorino 2009, p. 1)

De acordo com a pesquisa de campo realizada no Colégio Marília Mattoso, foi possível perceber e entender a importância do desenvolvimento da cultura no Ensino Fundamental 1, a diferença que isso faz principalmente para a formação do aluno também como cidadão e como o ambiente escolar e o pátio se tornam múltiplos podendo ser capaz de se transformarem em “palcos adaptados” para cada ocasião. A abordagem da cultura nas escolas se torna cada vez mais necessária e importante para a formação dos alunos para a vida, além de ser um assunto atemporal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível observar que a escola funciona de fato como um lugar de formação para o indivíduo não só no sentido de dar o conteúdo necessário e obrigatório, mas proporciona a educação humana. Todas as atividades desenvolvidas na escola em pesquisa eram mediadas de forma sensível em cada aluno o que eles tinham de melhor e isso fica claro quando refletimos sobre a criatividade de cada um durante este trabalho. A criatividade, por exemplo, nos últimos tempos tem sido considerada uma característica de grande relevância para o desenvolvimento humano por ela ser capaz de fazer com que nós nos adaptemos ao meio sendo capaz de gerar para nós um bem-estar pessoal e social facilitador no que diz respeito à convivência e a vida social de cada um.

Os indivíduos criativos podem ser considerados como impulsionadores da civilização em busca de novos caminhos, usando diferentes modos de exercitar a criatividade da criança desenvolvendo atividades como colagem, construção com sucata; descobrindo cores, textura, desenhando, explorando sons, pintando, recortando, enfim, resgatando a nossa cultura. Com isso, cria-se uma abordagem interdisciplinar, ou seja, que alça saberes de diversas áreas. Na escola observada, todas essas atividades acima citadas são desenvolvidas dentro da sala de aula e também em um ambiente propício para as aulas de artes. Nesse momento, as crianças se tornam independentes e capazes de criar dentro do que lhes é proposto, algo pessoal e personalizado fazendo com que cada um tenha o seu próprio olhar e sua própria interpretação sob seu trabalho.

No primeiro capítulo foi discutido sobre o conceito de cultura. Quando citado o conceito de diversidade cultural, se concluiu que ela está presente diariamente no contexto brasileiro, expressando-se na música, dança, culinária, na nossa língua e entre inúmeras atividades em nosso cotidiano. Ainda neste capítulo, foi feita uma análise sobre o conceito de identidade cultural e se pôde afirmar que este se refere a uma parte mais individual do sujeito social, mas que ainda assim é totalmente dependente do âmbito comum e da convivência social. De forma geral, concluiu-se por identidade aquilo que se relaciona com o conjunto de entendimentos que uma pessoa possui sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe é significativo. Esse entendimento é construído a partir de determinadas fontes de significado que são construídas socialmente, como o gênero, nacionalidade ou classe social, e que passam a ser usadas pelos indivíduos como plataforma de construção de sua identidade.

Decorremos também sobre o entrelaçamento educação/cultura e se concluiu que essa união ocorre não só dentro da sala de aula e sim, justamente nesses eventos extracurriculares oferecidos pela escola e, mais do que isso, também em passeios extraclasse que acontecem para além dos muros do colégio. A cultura escolar predominante nos dias de hoje na maioria das escolas prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo e, de certa forma, ainda é um pouco difícil compreender que o convívio com o diferente e a prática de ações culturais no ambiente escolar são construtivos e essenciais para a formação dos alunos não só nas categorias padrões que regem o currículo escolar como português e matemática, por exemplo, mas na formação do aluno como um ser humano digno e rico de experiências e trocas oriundas do convívio com aquilo que não lhe é comum. Mas pôde-se perceber que esse padrão vem mudando e a cultura vem de fato ganhando o seu espaço e a sua devida importância dentro do espaço escolar, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental I, que foram o foco da pesquisa em questão.

O autor Paulo Freire foi bastante citado durante a elaboração deste trabalho e de acordo com os pensamentos dele, se analisava a possibilidade de uma escola onde ela mesmo podia ser o objeto de reflexão das crianças e o objeto de reflexão dos pais, cujo interesse primordial seria diminuir o risco de alienação que as crianças corriam, longe de sua cultura, e também estimular nas crianças uma forma crítica de pensar. Freire preteria uma escola que pudesse ter uma educação livre, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto de questionar, a paixão por aprender novos conteúdos e culturas, a curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco, sem o qual não há criação, por exemplo.

Freire defendia a ideia de que as escolas deveriam, na verdade, ser espécies de centros de criatividade, para que o exercício de ensinar e aprender passasse a ser uma troca, algo alegre e prazeroso, e não um fardo como muitas vezes parece ser. Não era necessário apenas deixar a escola com “um novo visual”, isso era importante, mas o respeito demonstrado desde os diretores da escola até as crianças, os zeladores e merendeiros eram fatores primordiais. Freire acreditava que as crianças deveriam ser consideradas partes ativas e constituintes da escola.

As visitas ao Colégio Marília Mattoso foram de suma importância para o resultado final deste trabalho. Pude perceber a importância e a singularidade de cada temática trabalhada com os alunos em cada atividade proposta, onde em muitas delas as famílias eram convidadas a participar tornando o ambiente mais acolhedor, apesar de deixá-los um pouco mais envergonhados, o que é absolutamente normal. Também foram importantes as conversas que

tive com alguns alunos a respeito dessas atividades culturais na escola e o lado deles serviu para embasar este estudo, o que valida a criança como autora principal de sua criação.

Ficou claro no terceiro capítulo que a cidadania se constrói pelo reconhecimento das diferenças de cada ser humano, pelo combate aos preconceitos, as discriminações e aos privilégios, e isto se dá pela participação no grupo, pela consciência dos direitos e deveres e pela confiança que cada um deve ter de si e do seu poder de transformação para que o bem comum prevaleça. Na escola, a cidadania não deve existir apenas no discurso, ela tem de ser vivenciada no cotidiano de todos que dela fazem parte. Pude concluir também que a escola exerce o seu papel de construtora de cidadãos desenvolvendo desde a infância a formação intelectual bem como a cultura através de eventos e atividades extracurriculares.

A cultura na escola é um fator determinante e essencial para a formação do indivíduo como cidadão e perpassa todos os componentes curriculares desde a Educação Infantil, valorizando a identidade do aluno, como também o respeito à diferença e a valorização da genuidade de nossa Nação. O alívio se dá ao perceber que na atualidade a cultura como elemento transversal se insere no currículo do ensino privado, fazendo com que os alunos tenham experiências incríveis não só nas atividades pedagógicas e culturais propostas pela escola, mas também no convívio com pessoas diferentes entre si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKKARI, Abdeljalil. **Introdução às perspectivas interculturais em educação**. Salvador: EDUFBA, 2010.

BONORINO, S.L.; PAIM, M.C.C. **Importância da Educação Física escolar, na visão de professores da rede pública de Santa Maria**. Buenos Aires: Revista Digital da Efd esportes, ano 13, n. 130, mar. 2009. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd130/importancia-da-educacao-fisica-escolar-na-visao-de-professores.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2017 .

BRASIL. Ministério da Educação Coordenação Geral de Educação Infantil, 2013. **Dúvidas mais frequentes sobre a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CORRÊA, B. C. **Gestão Democrática e Participação Familiar no Âmbito da Educação Infantil**. Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, v. 14, n. 26, p. 15-34, jan.-jun. 2006.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FARIA, A. L.G. (Org.). **As novas orientações para uma escola da infância**. Cadernos Cedes, Campinas, n. 31, 1995.

FIORI, Ernani M. **Aprender a dizer sua palavra** (Prefácio à edição Brasileira da Pedagogia do Oprimido). In. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.12\*

FREIRE, Paulo & BETO, Frei (2001) **Essa escola chamada vida – Depoimentos ao Repórter Ricardo Kotscho** (11ª edição). São Paulo: Editora Ática.

FREIRE, PAULO. (2002) **A Paixão de Conhecer o Mundo** (15ª edição). São Paulo: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

\_\_\_\_\_. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 5ª Ed., Rio Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo.** Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; Abril-Junho, 1963.

\_\_\_\_\_. **Educação na cidade.** 7ed. São Paulo: Olho d'água, 2006

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

\_\_\_\_\_. **Papel da Educação na Humanização.** Revista Paz e Terra. (1971)

GALARDINI, A. **I Genitori nel nido: coinvolgimento e collaborazione.** In: GALARDINI, A. L. Crescere al nido: Gli spazi, i tempi, le attività, le relazioni. Roma: Carocci, 2003b. p. 155-173 (Traduzido)

GIMENO SACRISTÁN, J. (2001) **Políticas de la diversidad para una educación democrática igualizadora;** In: SIPÁN COMPAÑE, A. (coord.) Educar para la diversidad en el siglo XXI Zaragoza: Mira Editores. (Traduzido)

GIROUX, H. A. **Praticando estudos culturais nas faculdades de educação.** In: SILVA, T. T. (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.

GOHN, M. da G. (2002) **Educação Popular na América Latina no novo milênio: impactos do novo paradigma;** ETD- Educação Temática Digital, Campinas, v.4,n.1, , dez., p.53-77

<https://www.youtube.com/watch?v=60c1RapBN7U> Acessado em 11/10/2016

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade.** 2.ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guaracira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1995.

LAMPERT, Ernani . **Experiências inovadoras e a tecnologia educacional.** Porto Alegre: Sulina, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MATTHIESEN, Sara Quenzer - **Atletismo se aprende na Escola** - Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2004.

MOREIRA, A. F. B. (2001). **Currículo, cultura e formação de professores.** Revista Educar, Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, p. 39-52.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade.** In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

NÓVOA, Antônio. **Paulo Freire. In : Pédagogies Contemporains.** Sous la direction de Jean Houssaye – ‘Formation des Enseignants’. Armand Colin / Masson Paris, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de (2002) **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez Editora.

**Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência,** disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml?page=1>> Acessado em 11/10/2016.

SANTOS et al. **As diferenças entre o esporte da escola e o esporte na escola.** Revista Treinamento Desportivo. v. 7. n. 1. p. 21-28, 2006.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214p.

SENE, Richard F; NANDI, Ana Paula; FREITAS, Leslie. **Uma Análise do Perfil do Estilo de Vida do Aluno da 8ª Série do Ensino Fundamental do Município de Tubarão-SC.** Revista Digital – Ano 13 n. 126 nov/2008.

ZITKOSKI, J.J. **Paulo Freire e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

## AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 15/03/2017

Eu, **MALU RUEDA DE ALMEIDA**, CPF 159.570.427-22 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada "**CULTURA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR COMO PRODUÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA**" defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

*Malu Rueda de Almeida*

**MALU RUEDA DE ALMEIDA**